

DOI: <https://doi.org/10.5902/2236672586529>

## Processo de tombamento do Morro do Penedo

*Process of tombing of Morro do Penedo*

*Processus de tombe de Morro do Penedo*

*Proceso de tumplamiento del Morro do Penedo*

 **Larissa Pinheiro**

Universidade Federal do Espírito Santo

 **Yamília Siqueira**

Universidade Federal do Espírito Santo

### Resumo

Este artigo tem o propósito de analisar o processo de tombamento do Morro do Penedo, monumento natural localizado em Vila Velha (ES), ocorrido em 1983, após solicitação da Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente (Acapema) ao Conselho Estadual de Cultural, uma das primeiras organizações da sociedade civil locais, como forma de impedir a continuidade de sua degradação, principalmente com o incremento da atividade portuária na região, com a construção do porto de Capuaba a partir da década de 1976. O objetivo desse artigo é identificar a gênese do conflito em prol do tombamento do Morro do Penedo e a emergência de um movimento ambientalista em um contexto político-institucional de transição democrática, trazendo um panorama histórico-geográfico do local, demonstrando a importância desse monumento natural e cultural para a vida dos capixabas. O trabalho traz material iconográfico pesquisado no Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) e Memória Visual da Baía de Vitória.

**Palavras-chave:** Morro do Penedo, Patrimônio natural e cultural conflito, Movimento ambientalista, Proteção legal.

**Abstract:** This article aims to analyze the process of tombing of Penedo Hill, a natural monument located in Vila Velha (ES), which occurred in 1983, following a request from the Espírito Santo Environmental Protection Association (Acapema) to the State Cultural Council, a of the first local civil society organizations, as a way of preventing the continuation of its degradation, mainly with the increase in port activity in the region, with the construction of the port of Capuaba from the 1970s onwards. The objective of this article is to identify the genesis of the conflict in favor of the listing of Morro do Penedo and the emergence of an environmentalist movement in a political-institutional context of democratic transition, providing a historical-geographical panorama of the place, demonstrating the importance of this natural and cultural monument for the lives of the people of Espírito Santo. The work brings iconographic material researched at the Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) and Memória Visual da Baía de Vitória.

**Keywords:** Morro do Penedo, Natural and cultural heritage, Conflict, Environmental movement, Legal protection.

**Résumé:** Cet article vise à analyser le processus de tombe du Morro do Penedo, un monument naturel situé à Vila Velha (ES), intervenu en 1983, suite à une demande de l'Association de Protection de l'Environnement d'Espírito Santo (Acapema) au Conseil Culturel de l'État, un les premières organisations de la société civile locale, afin d'éviter la poursuite de sa dégradation, principalement avec l'augmentation de l'activité portuaire dans la région, avec la construction du port de Capuaba à partir des années 1976. L'objectif de cet article est d'identifier la genèse du conflit en faveur du classement de Morro do Penedo et l'émergence d'un mouvement environnementaliste dans un contexte politique-institutionnel de transition démocratique, offrant un panorama historico-géographique du lieu, démontrant l'importance de ce monument naturel et culturel pour la vie des habitants d'Espírito Santo. L'œuvre apporte du matériel iconographique recherché à l'Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) et à Memória Visual da Baía de Vitória.

**Mots-clés:** Morro do Penedo, Patrimoine naturel et culturel, Conflit, Mouvement Écologiste, Protection légale.

**Resumen:** Este artículo con el propósito de analizar el proceso de tumplamiento del Morro do Penedo, monumento natural localizado en Vila Velha (ES), ocurrido en 1983, después de la solicitud de la Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente (Acapema) al Conselho Estadual de Cultural, uma das primeiras organizações da sociedade civil locais, como forma de impedir la continuidad de su degradación, principalmente com o incremento da atividade portuária na região, com a construção do puerto de Capuaba a partir de la década de 1976. El objetivo de este artículo é identificar a gênese do conflito em prol do tombamento do Morro do Penedo e a emergência de um movimento ambientalista em um contexto político-institucional de transición democrática, trazendo um panorama histórico-geográfico do local, demonstrando la importancia de este monumento natural e cultural para la vida dos capixabas. O trabalho traz material iconográfico pesquisado no Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) e Memória Visual da Baía de Vitória.

**Palabras-clave:** Morro do Penedo, Patrimonio natural y cultural, Conflicto, Movimiento Ambientalista, Protección legal.

## Introdução

Nos últimos tempos a proteção do patrimônio natural e cultural tem alcançado relevo nas discussões das cidades devido às pressões causadas pela crescente urbanização e industrialização em todo o mundo. No Espírito Santo, após uma forte luta, em 1983, o tombamento do Penedo – monumento natural e cultural de notável valor – foi consolidado, sendo resultado de protestos dos movimentos sociais à época como forma de impedir a continuidade de sua degradação, principalmente com o incremento da atividade portuária na região da Baía de Vitória (ES), a partir da década de 1970.

O objetivo desse artigo é resgatar a construção do processo de tombamento e mobilização social do Penedo, como um bem natural e cultural. Trata-se de um assunto inexplorado e de importância regional, já que o tombamento do Penedo é uma resposta a essas mudanças muitas vezes negativas no contexto urbano, a partir das remodelações que foram se processando na paisagem da cidade de Vitória com o passar das décadas. Por isso, nos preocupamos em identificar as mudanças pelas quais vinha passando a cidade de Vitória, que certamente impactou a paisagem do Penedo, já que este monumento se encontra no epicentro de onde tudo começou inclusive a fundação da Vila de Vitória, há mais de quatrocentos anos.

Quanto à metodologia, realizamos uma pesquisa exploratória, fundamentalmente de abordagem qualitativa com base em revisão bibliográfica, consulta a fontes documentais e pesquisa em jornais locais que pautavam o debate à época. Destacamos o uso de imagens, o que nos auxilia a mostrar as mudanças do espaço no decorrer do tempo. Também foram realizadas entrevistas por meio de roteiro semiestruturado. Também destacamos que tivemos acesso ao processo de tombamento do Penedo, localizado na Secretaria Estadual de Cultura, onde foi possível identificarmos vários depoimentos a respeito do tema.

Buscamos dar destaque ao mapeamento histórico-geográfico do monumento natural Penedo, trazendo informações geográficas que o ligam ao “Pão de Açúcar” do Rio de Janeiro, por fazerem parte de uma mesma formação rochosa. Apresentamos neste momento elementos da história/cultura capixaba relacionados ao rochedo desde a época da colônia, passando pelos registros dos viajantes e naturalistas que fazem menção ao Penedo até crônicas capixabas escritas no início do século passado. Dessa forma, vamos reconstruindo a importância e a centralidade desse monumento na vida dos capixabas, tanto como bem cultural, um símbolo capixaba, quanto um local de memória a ser preservado.

Em seguida, apresentamos a relação entre o Penedo, o porto e a cidade, analisando como essa combinação vai ocorrendo com o passar dos tempos. Apresentamos um pouco da rápida transformação econômica que desenvolveu a atividade portuária na região, o que vem impactar os recursos naturais da Baía de Vitória, com destaque para o próprio Penedo. Finalmente elaboramos um panorama geral do processo de tombamento do Penedo, resgatando em um primeiro momento as razões que levaram à necessidade do uso do tombamento como instrumento de proteção. Destacamos o período de regime militar em que grandes empreendimentos como o porto de Vitória eram prioridades, e, que diante disso a degradação a qualquer custo acabava se justificando. Sinalizamos as primeiras denúncias por meio da mídia. Apresentamos como o processo de redemocratização e ao mesmo tempo a emergência de um movimento ambientalista na década de 1980 deu

incentivo e permitiu que a degradação do Penedo virasse uma bandeira de luta, e que por fim, alcançasse um objetivo maior que foi o tombamento do bem natural – o primeiro do Espírito Santo.

Concluimos, em linhas gerais, que o tombamento do Penedo foi um ganho para a população capixaba, não só pela preservação dele em si, mas para além dele, ocorreu que nesse período o meio ambiente adquiriu maior destaque, inclusive, com a criação de uma Secretaria e legislação ambiental estadual até então inexistente.

### **Penedo: O Nosso Pão De Açúcar**

Em termos de paisagem natural, Vitória obteve grande destaque nesse aspecto. Fundada em 1549, segundo modelo português de implantação, em sítio elevado dominando o mar, apresentou desenvolvimento ligado às condições físico-espaciais do lugar, cuja expansão se deu por meio de conquista sucessiva de zonas alagadiças, baixios, manguezais e aterros de áreas de mar. Destacamos nesse trabalho os morros e afloramentos rochosos na região, mais especificamente o morro do Penedo (Figura 01), tido como marco visual e paisagístico da Baía de Vitória, considerado um dos principais elementos do patrimônio natural (IJSN, 1978)<sup>1</sup>.

**Figura 1 - Vista do Penedo, Baía de Vitória-ES**



Fonte: Memória Visual da Baía de Vitória (2024).

---

<sup>1</sup> Quando da fundação da Capitania do Espírito Santo, em 1535, já era notado que a região contava com expressivo patrimônio natural, apresentando um dos mais ricos ecotipos do Brasil. O crescimento regional permaneceu lento até fins do século XIX, devido à instabilidade político-institucional e a deficiência de comunicações a que esteve confinada (IJSN, 1978).

O Penedo é um molhe granítico com 133 metros acima do nível do mar, situado na entrada de uma baía de flutuação de mais de 2500 metros de extensão, por 650 metros de largura, por onde navegaram os colonizadores portugueses, e agora os navios de vários países do mundo, servindo de apoio de defesa de Vitória. Apesar de estar situado em Vila Velha, faz parte do cenário da Baía de Vitória. Quando da passagem de Saint-Hilaire e Charles Frederick Hartt, no início do século XIX, estes o classificaram como “Pão de Açúcar do Espírito Santo” (SECULT, 2014)<sup>2</sup>.

Trata-se do ponto central de uma formação rochosa que identifica a entrada da Baía de Vitória e, ao mesmo tempo, disciplina a sua navegação, intercalando no solo submerso centenas de grandes pedras engastadas em imenso colar geológico que sobressai em alguns pontos como a Pedra dos Ovos e o próprio Penedo (Achiamé; Bettarello; Sanchotene, 1991). Segundo Ab’Sáber (2003) o Penedo está situado no domínio dos chamados “mares de morros”, onde se alternam esse tipo de formação geológica em regiões costeiras do Rio de Janeiro ou áreas interiores no Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais.

Desde então, o Penedo “[...] se transformou em autêntico monumento à confraternização, recolhendo mensagens que traduzem em sua superfície a passagem dos homens do mar, denunciada em centenas de manifestações pictográficas” (Achiamé; Bettarello; Sanchotene, 1991, p. 148). Mais adiante vamos apresentar as primeiras impressões daqueles que passaram por esse monumento em tempos passados até os registros dos nossos dias.

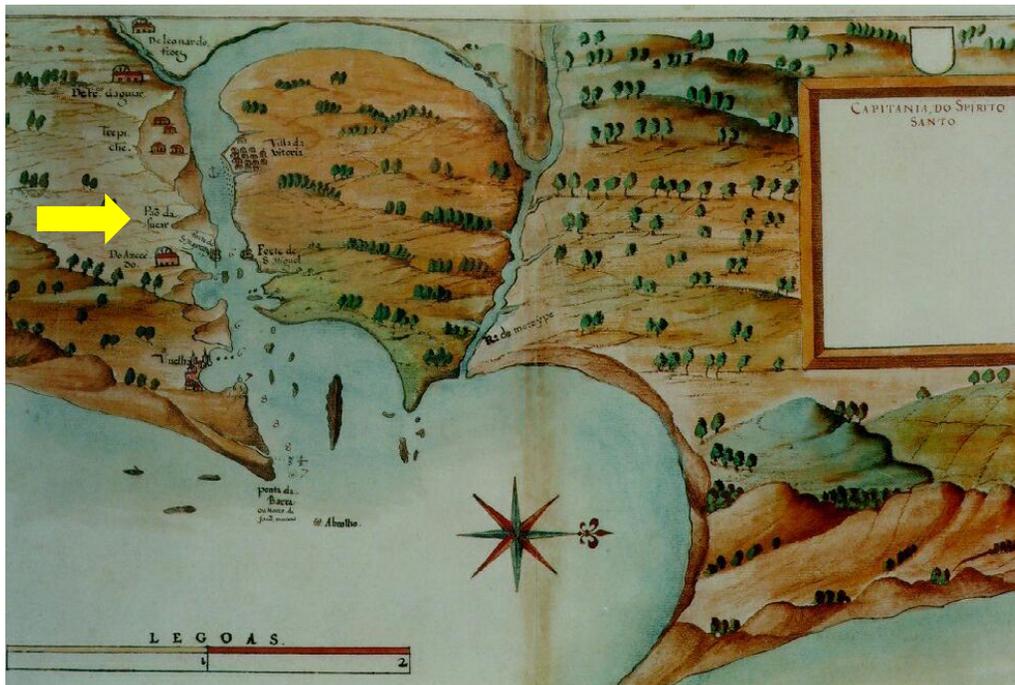
## **O Penedo, A Vila E Os Viajantes**

Neste momento, apresentaremos a importância do Penedo para os primeiros habitantes da Vila de Vitória, assim como o destaque que recebeu dos viajantes estrangeiros que passaram pelo Espírito Santo no século XIX. De pronto, destacamos que o Penedo apresentava grande importância para a navegação na região, sendo registrado em cartas náuticas, desde a chegada dos colonizadores portugueses, como apresentado na Figura 02 (Orlandi; Aguiar, 2009).

---

<sup>2</sup> O nome “pão de açúcar”<sup>2</sup> remete à herança colonizadora portuguesa que deu esse nome, pois, durante o apogeu do cultivo da cana-de-açúcar no Brasil, entre os séculos XVI e XVII, após a cana ser espremida e o caldo fervido e apurado, os blocos de açúcar eram colocados em uma forma de barro cônica para transportá-lo para Europa, que era chamado de pão de açúcar. A semelhança entre ambos teria dado origem ao nome (Vieira Fazenda, 1913).

**Figura 2 - Capitania do Espírito Santo do Cabo de São Tomé à Ponta da Fruta, Albernaz I, 1631**



Fonte: Memória Visual da Baía de Vitória (2024).

Gabriel Soares de Souza (apud Monjardim, 1995, p. 36) em sua obra *Tratado Descritivo do Brasil*, em 1587, ressaltou a importância do Penedo como defesa para a região contra os invasores estrangeiros:

Defronte da Vila do Espírito Santo, da banda da Vila Velha está um penedo mui alto a pique sobre o rio, ao pé do qual se não acha fundo; é capaz este penedo para se edificar sobre ele uma fortaleza, o que se pode fazer com pouca despesa, da qual se pode defender este rio ao poder do mundo todo.

O historiador Nilton Coutinho Filho relata que a Baía de Vitória foi palco de uma invasão de corsários ingleses. Para se defender de Thomas Cavendish e Capitão Morgan que pretendiam saquear Vitória, a então governadora da ilha, D. Luiza Grimaldi, reuniu escravos, índios e portugueses para preparar uma emboscada, colocando grossas correntes sob a água, ligando o Penedo ao Forte São João, impedindo a entrada das caravelas (Orlandi, Aguiar, 2009). Derenzi (1965, p. 72) descreve a vitória que os portugueses tiveram contra os invasores holandeses:

Em março de 1625, os holandeses, comandados por Patrid, depois de tentativas frustradas desembarcam na ilha e atacam a Vila desguarnecida. São dias épicos com momentos terríveis de batalha. Frei Manuel do Espírito Santo repete o feito de Brás erguendo o crucifixo, percorre as trincheiras estóicamente. Corre aos sinos e badala a alegria da vitória. Combatem todos: homens e mulheres, índios e religiosos. Tôdas as armas servem para defesa, Maria Ortiz, do sobrado, no topo da ladeira do Pelourinho, hoje escadaria, deita água fervente nos flamengos enfurecidos. Que amor acendrado à pátria nascente!

Em 1860, o Penedo foi registrado durante passagem de Dom Pedro II (1825-1891) às terras capixabas, de forma muito curiosa verificando as condições armamentícias da província (Rocha, 2008, p. 59):

Antes que o *Apa*<sup>3</sup> atingisse o começo da garganta que a baía forma em frente ao Penedo ou Pão de Açúcar e à fortaleza de São João, antiga guardiã da entrada da capital, disparava esta os seus canhões, cuja mudez permitia a familiaridade das teias de aranhas, ramos de matos e cameleões. D. Pedro II examinou de perto as velhas pedras argamassadas com cal de burgigão, ou conchas do rio da Costa, e óleo de peixe e viu no portão de entrada pela parte inferior, destinado aos que chegavam pelo mar, uma inscrição recente, marcando a ultima reedificação, feita em 1848, no governo meteórico do presidente Antônio Pereira Pinto. **Mas a sua atenção voltou-se para o monte das grossas correntes que outrora eram empregadas para fechar o porto, prendendo-se ali uma das pontas e a outra nos argolões que ainda se encontravam cravados na pedra do Pão de Açúcar ou Penedo, bem defronte** (grifo nosso).

Em outra passagem um correspondente do *Jornal do Comércio* registra um momento em que o imperador após esquadrihar o horizonte com o binóculo e a olho nu, registrou em sua caderneta de bolso detalhes dos morros e afloramentos rochosos que se avistava durante a sua entrada na baía do Espírito Santo:

Entrada do Espírito Santo. Moreno; Penha; do lado do Sul. Mestre Álvaro, do lado do Norte, que se vê com tempo claro até de 60 milhas ao mar; baixos do Burro e Cavalo ao Sul e da Baleia ao Norte; Ilha do Boi, do Des. Souto forte do Moreno; Vila Velha na base da Penha; portão e nicho no começo da subida para a Penha; **Pão d'Açúcar ao Sul**; forte de São João ao Norte; Jucutuquara o do lado N., com seu mamilo sobre o comprido de granito no alto da montanha, boa casa; do Monjardim, genro do Capitão-mor Francisco Pinto do lado do Sul sítio da Pedra d'Água, ou de Santinhos. Fundeamos perto da ponte de desembarque às 9, ¾. Desembarque ao meio dia (Rocha, 2008, p. 60) (grifo nosso).

Os relatos e iconografias de viajantes até o século XIX mostravam o ponto de vista da paisagem a partir das águas, sendo os morros e afloramentos rochosos referenciais dessa paisagem. Também foi digno de nota pelo conhecido naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire<sup>4</sup> (1779-1853) que empreendeu viagens pelo Brasil. Em sua passagem pelo Espírito Santo, em 1818, descreve o Penedo como uma ilha banhada não apenas pelas águas da baía, mas também por dois regatos, um dos quais é o Arabiri e entre os quais se acha o Paul (Saint-Hilaire, 1974). Em 1865, Charles Frederick Hartt<sup>5</sup> (1865-1866) faz a seguinte descrição do Penedo:

---

<sup>3</sup> Apa é o nome da embarcação a vapor que trouxe Dom Pedro II ao Espírito Santo. Fazia parte dessa comitiva o pintor francês Auguste François Biard (1798-1882). Também esteve de passagem no Espírito Santo nessa época, o príncipe Maximiliano de Áustria, primo de Dom Pedro II, tendo os dois se encontrado nessa mesma ocasião.

<sup>4</sup> Botânico, naturalista e viajante francês que viajou pelo Brasil no século XIX, fazendo registros sobre os costumes e paisagens dos lugares onde passava.

<sup>5</sup> Geólogo profissional e arqueólogo amador canadense que participou da Expedição Thayer comandada por Louis Agassiz, um dos mais renomados cientistas em atuação nos Estados Unidos à época. Essa expedição percorreu o Brasil entre 1865 e 1866, com o objetivo de encontrar provas contra a teoria evolucionista de Charles Darwin (Kern, 2011).

O Pão de Açúcar é um morro de gnaiss, escarpado e irregularmente cônico de 400 a 500 pés de altura, pendendo para o lado norte e apresentando frente ao canal uma encosta lisa e quase vertical. Nessa face, pela projeção de uma ponta de terra do lado norte, o canal se estreita bruscamente, ficando com uma largura de 600 pés somente. Passando o Pão de Açúcar o canal se alarga num espaçossíssimo porto e, do lado norte, num belo anfiteatro entre morros, está construída a cidade de Vitória (Hartt, 1941, p. 91).

Hartt estudou as marés e deixou uma marca de brasão registrada no Penedo, próximo aos argolões que há séculos sustentavam as grossas correntes que trancavam a entrada do porto (Monjardim, 1941). A maré registrada naquele dia nunca mais foi atingida, levando à conclusão de que a região está se levantando (Monjardim, 1995). Hoje já não é mais possível enxergar essa marca.

Há uma passagem do livro *Viagem de Dom Pedro II ao Espírito Santo*, de Levy Rocha (2008, p. 41-42) que retrata como era a cidade de Vitória, no final do século XIX e ainda faz referência a uma natureza marcante que faz parte da paisagem:

Sem obedecer a qualquer regularidade ou simetria, Vitória se apertava em anfiteatro, à margem de plácida baía, ruazinhas estreitas, tortuosas, escorregadias, procurando o paralelismo da praia, ou subindo as rampas do morro desbeijado pelas enxurradas e enfeitado pelas ramas de melões-de-são-caetano, perdendo-se em becos ou vielas ladeirosas e labirínticas.

[...]

A vista da baía era sempre agradável, especialmente quando postado o observador mais de longe, para abarcar o conjunto emoldurado pelo verde da vegetação; o extenso mangal da preamar; as fruteiras das chácaras e dos pomares e a mata que vestia os elevadiços.

Mais tarde, até meados do século XX, o Penedo é referenciado em fotografias e crônicas publicadas em revistas e jornais de circulação local, principalmente na revista *Vida Capichaba*<sup>6</sup>, cujo um trecho escrito por Elpídio Pimentel, em 1927, reproduzimos abaixo:

Montanha milenar, Penedo lendário, plantado à orilha do Atlantico, na bahia de Victoria – **Venus petrea** – tu és, para o meu senso de visionário, um symbolo e uma promessa! Symbolo de nossa força heril e promessa do que seremos no futuro – altivos e serenos em nossa grandeza, como tu! [...]

Penedo glorioso, és uma epopéa, de granito, eterna, onde o tempo vem escrevendo, desde as mais remotas origens, a Historia espírito-santense!

E quando, algum dia, se completar o cyclo do progresso capixaba, o povo dessa época erguerá sobre ti–peanha imortal – o pantheon sacrossanto dos nossos semi-deuses e heroes! (Revista Vida Capichaba, 1927, p. 01-02).

Não poderíamos deixar de fazer menção às transformações no meio urbano que de uma forma ou de outra contribuíram para a modificação da paisagem visual, e, de certa forma, foram impactando paulatinamente esse bem natural, o que será mostrado mais a frente.

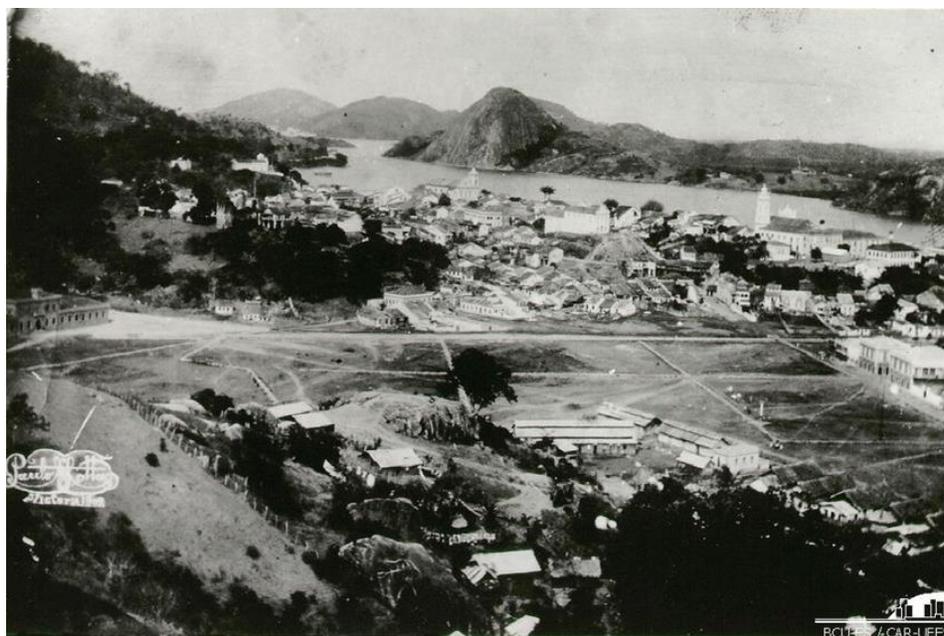
---

<sup>6</sup> Foi fundada por Manoel Lopes Pimenta e Elpídio Pimentel em 1923 e por mais de trinta anos retratou a vida social e política do Espírito Santo.

## O Símbolo, O Passado E A Memória

Na perspectiva da historiografia local, o Penedo, do alto de sua imponência, assistiu episódios da história do Espírito Santo na Baía de Vitória, desde a época dos primeiros habitantes até os dias de hoje (Figura 03). Gordon (1998), tomando como ponto de partida a dimensão política da memória, enfatiza que esta depende da posição do narrador, podendo ser além de múltipla, contraditória. Os fragmentos discursivos se misturam aos elementos históricos e, portanto, são interpretados e reinterpretados, combinados e recombinaados, selecionados e até mesmo omitidos, conforme o posicionamento do narrador.

**Figura 3 - Vista geral de Vitória, destacando-se o aterro do Campinho, futuro Parque Moscoso. Ao fundo, a Baía de Vitória e o Penedo, Paulo Motta, 1909**



Fonte: Memória Visual da Baía de Vitória (2024).

Como visto anteriormente, a paisagem do Penedo guarda uma história que remonta a vinda dos colonizadores e o início de nossa formação. A partir do século XX, continua fazendo parte da memória visual da Baía de Vitória. Ainda é decantado em prosa e verso, relembrando época antiga em que serviu de fortaleza dos piratas e corsários ataques estrangeiros, sendo chamado de *O Guardião*<sup>7</sup>.

Foi tema de inúmeras cantigas de roda, versos e prosas e inclusive está incluído no *Hino a Vitória*<sup>8</sup>, quando Almeida Rego, Carlos Cruz e o Maestro Carioca (Vitória, 1980) citam “tem no Penedo bravura”, referenciando a fortificação construída aos pés do Penedo

<sup>7</sup> No Rio de Janeiro, o historiador Vieira Fazenda (1913) se refere ao Pão de Açúcar como “guarda vigilante” ou “sentinela avançada” da baía de Guanabara, uma alta e escarpada penedia de 395 metros.

<sup>8</sup> Foi instituído por meio da Lei nº 2.665, de 23 de janeiro de 1980, como hino oficial da Cidade de Vitória, a composição intitulada *Hino a Vitória*. Música de Carlos Cruz, letra de Almeida Rego e arranjo do maestro Carioca.

para facilitar a luta dos colonizadores portugueses contra invasões, o que levou à *Vitória das Vitórias* (Derenzi, 1965; Achiamé, Bettarello, Sanchotene, 1991):

Vitória,  
Da Vila Nova antiga  
Hoje o progresso tem vida  
No porto que é Tubarão.  
**A Vitória das vitórias**  
A terra feliz onde eu nasci,  
**Tem no Penedo bravura**  
E doçura em Camburi  
(grifo nosso)

Já na literatura, em 1920, o escritor infanto-juvenil Elpídio Pimentel publicou *Quando o Penedo Falava* transformando-o em um personagem contador de histórias de nossa terra (Monjardim, 1941). O Penedo volta a ser lembrado na poesia de Alonso Fernandes de Oliveira, chamada *Cidade Presépio*, em que o mesmo como sentinela guarda a Baía de Vitória (Oliveira, apud Almeida, 1958, p. 125):

Tens a teus pés a baía  
Onde te miras vaidosa...  
**É soberba a penedia,**  
A te guardar, magestosa!  
Ilhas risonhas enfeitam  
Êste porto gracioso,  
Onde os olhos se deleitam,  
Ante o cenário famoso  
(grifo nosso).

Vivemos em um tempo em que a história da paisagem no ocidente é movida à máquina, sem a complexidade de mitos, metáforas e alegorias, cujo valor é a mediação e não a memória, na qual nossa capacidade de inventar equivale a nossa tragédia (Schama, 1996). Dessa forma, estaríamos destinados à autodestruição. Por isso, a importância de um novo olhar sobre o tema, de forma a tomarmos consciência da paisagem ao redor da nossa cidade, como no caso do Penedo que representa mais que um patrimônio natural, um patrimônio cultural.

O Penedo passou a fazer parte do imaginário dos habitantes de Vitória. A cultura local, segundo Maurice Halbwachs (1990) é construída pela comunidade, sendo as relações sociais de grande importância para a edificação dos “símbolos de memória”. Estes se fazem presentes de forma física - patrimônio material, ou através de sentimentos - patrimônio imaterial. A cultura coletiva é tão marcante, que mesmo em eventos vivenciados por apenas uma pessoa, esta correlacionaria os fatos e objetos às experiências coletivas.

Schama (1996, p.16-17), mostrando sua ligação com o rio Tâmis, em Londres, explica que uma criança já possui uma relação de totalidade com a paisagem, enquanto pouco a pouco o adulto vai se distanciando da natureza:

E, se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade eles são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas (Schama, 1996, p. 16-17).

Tomamos o Penedo como um lugar onde está presente uma memória que é construída coletivamente e submetida a constantes mudanças com o passar do tempo, sendo apropriada e reapropriada continuamente pela comunidade local. Ou seja, utilizando as palavras de DaMatta (2010), tanto o tempo como o espaço são invenções sociais. Cercado de muitas lendas e mitos, conta-se que no período colonial a pequena população local acreditava que o Penedo soltava gemidos terríveis nas noites de tormenta. Outra lenda conta que, antigamente, para se chegar à Vitória somente era possível através de navios de cabotagem<sup>9</sup>. E quando eles passavam próximos ao Penedo, os passageiros costumavam jogar moedas para terem pedidos atendidos, se as mesmas alcançassem a rocha (Holzmeister, 1998).

Em versão parecida, os marinheiros, para não terem o navio engolido pelo rochedo, atiravam batatas para ele, neste caso, o Penedo era chamado de Pedra da Batata. Em uma terceira lenda, acredita-se que um gênio bondoso vivia exilado no interior do Penedo, depois de ter presenciado o genocídio dos nativos. Apesar de tudo, continuava concedendo vontades, bastando jogar uma flor na água, solicitando um desejo sincero, que seria atendido se a flor alcançasse o pé do monte (Holzmeister, 1998).

E ainda há as estórias sobre o nascimento da pedra do Penedo, em que Pierre, catraieiro no Porto de Vitória, que atravessava as pessoas até o cais de Paul na sua baleeira, no tempo em que não existiam as segunda e terceira pontes<sup>10</sup>, nem as Cinco Pontes, citado por Lugon (1995), referenciava o Penedo como sendo um dinossauro transformado em pedra por um abalo sísmico.

Esse mesmo catraieiro (Pierre apud Lugon, 1995, p. 99) que morreu agarrado ao Penedo remava cantando uma cantiga folclórica capixaba:

Penedo vai,  
Penedo vem,  
Penedo é terra de quem quer bem.  
Vem cá, Maria,  
Vem cá, meu bem,  
Se tu és de tua mãe,  
É minha também.

Essas culturas coletivas são passadas de geração a geração, reproduzindo no presente uma memória atualizada, reconstruída, reelaborada e ressignificada, adequada ao contexto atual, e quando construída de forma coletiva, o processo de reconstrução e o

<sup>9</sup> Nessa época não existiam estradas nem pontes ligando a ilha ao continente.

<sup>10</sup> A primeira ponte (Florentino Avidos) foi inaugurada em 1928, ligando Vitória e Vila Velha. A segunda ponte (do Príncipe), aberta em 1979, trouxe o tráfego continental para Vitória. A terceira ponte (Deputado Darcy Castello de Mendonça) teve sua construção iniciada no final da década de 1970 e concluída no final da década de 1980. Foi construída para desafogar as duas primeiras pontes.

patrimônio natural se tornam democráticos (Anderson, 2008; Halbwachs, 1990). Sahlins (1985) descreve essa atualização como sendo a síntese entre sincronia e diacronia, já que não repassa as informações nuas e cruas, porém pode haver uma relevante perda da significância original.

Normalmente, esse repasse se dá sob a forma de narrativas, que retroalimentam as culturas pelas pessoas da coletividade, permitindo que o passado continue vivo (Anderson, 2008). Segundo Erikson (apud Le Goff, 1997, p. 305), “o passado aparece reconstruído em função do presente, da mesma forma que o presente é explicado em função do passado”.

Toda a organização em torno de acontecimentos e de grandes personagens tem por fundamento, ou enquadramento, os objetos materiais, dentre estes, os monumentos. “A memória é assim guardada e solidificada nas pedras” (Pollak, 1989, p. 9). E essa afirmação é mais que certa no caso do Penedo, pois se trata da própria pedra. Como exemplo de monumento, existe o Penedo que representa lembranças de épocas passadas e acontecimentos presentes. Na verdade, para Schama (1996, p. 24), “o que *Paisagem e memória* procura ser é um modo de olhar, de redescobrir o que já possuímos, mas que, de alguma forma, escapa-nos ao reconhecimento e à apreciação”.

É possível dizer que o capixaba tem pelo Penedo um verdadeiro sentimento de amor pelo lugar ou *topofilia*, como nos ensina Tuan (1980). O Penedo não é somente o rochedo, mas também toda a história de relação com esse notável monumento, que vai além do monumento natural, mas perpassa todo cenário presente a sua volta, como as idas e vindas dos catraieiros, dos pescadores em dias de atividade ou de procissão marítima, dos primeiros e atuais habitantes daquela localidade, dos índios e dos colonizadores, dos personagens históricos, dos transeuntes e motoristas que passam pela Beira-Mar, dos trabalhadores do porto, dos marinheiros, e, até mesmo dos esportistas náuticos, como os remadores que competem em famosas regatas naquela localidade.

### **Interesse Nacional, Denúncia Na Mídia E Redemocratização**

Apresentamos na seção anterior a importância do Penedo como patrimônio natural e cultural dos capixabas. A partir de agora vamos mostrar o processo de degradação desse monumento a partir de 1976, por conta da construção do Cais de Capuaba, em Vila Velha. Segundo autoridades da época, a obra era de interesse para o desenvolvimento nacional. O período de alta do “milagre econômico havia passado, mas o “ame-o ou deixe-o” ainda estava em vigor” (A Gazeta, 1983).

Na época, o representante do Porto de Vitória comentou que o morro que sofreu derrocagem não fazia parte do Penedo e que estava nos limites da área de Capuaba. Ainda acrescentou que o projeto obteve prosseguimento pela falta de locais propícios para o empreendimento e porque a paisagem do morro já estava desfigurada, tanto pela torre de eletricidade da Escelsa, como pelos anúncios lá colocados. Além disso, pelo fato de não estar tombado, facilitaria a sua utilização para projetos de interesse nacional (Goltara, 1981).

Com o descaso do governo em relação à destruição de parte do conjunto paisagístico com a extração de pedras do local para a construção do Cais de Capuaba foram

realizados vários questionamentos sobre a degradação na região (Figura 4). Dentre vários outros nomes que se destacaram, está o do engenheiro Jaime Larica, uma das primeiras vozes que se levantou contra o que chamou destruição do Penedo (A Gazeta, 1981). Em uma entrevista reclamou que deveria ser realizado um projeto paisagístico no local para minimizar o que já havia sido destruído. Em tom de revolta comentou que se deveria tentar preservar na cidade pelo menos as pedras e que o Penedo é um patrimônio da comunidade capixaba e não apenas um assunto técnico (Goltara, 1981).

**Figura 4 - Construção do Cais de Capuaba. Ao fundo, vemos o Penedo, Vila Velha-ES. Luiz Pajaú e Josemar Gonçalves, 1977**



Fonte: IJSN (2024).

Segundo o paisagista Ricardo Ferreira do Amaral, em um depoimento ao jornal *A Gazeta*, Ricardo Ferreira do Amaral (apud Goltara, 1981) o morro do Penedo deveria ser preservado e as explosões realizadas nas áreas próximas ao rochedo não seriam benéficas para a região. Para ele, trata-se de um crime que vem se repetindo em todo país, sendo destruídos morros, florestas e manguezais. Para ele seria necessária à realização de campanhas mais fortes de preservação ambiental. Comenta ainda que o Penedo é uma maravilha que dá nova vida à Baía de Vitória, inclusive comentou que muitos comandantes de navio ficam admirados com tamanha beleza e que turistas em férias apreciam a grandiosidade do rochedo, levando muitas fotos como recordação da cidade.

Em meio a oportunidades e restrições políticas em mudança se formou um confronto político em uma época em que o país vivia um período de ditadura, mas que segundo Tarrow (2009) daria incentivos aos atores sociais coordenarem sua ação o que resultaria em um movimento social. No caso brasileiro, o processo de redemocratização foi à oportunidade para que todo um projeto de desenvolvimento nacional pudesse ser questionado dado às condições predatórias desse modelo.

Ao mesmo tempo em que ocorria a institucionalização do meio ambiente no estado do Espírito Santo, o movimento ambientalista alcançava sua consolidação juntamente com

a militância política no espaço urbano. No processo da abertura política, parte daqueles que militavam no movimento estudantil passaram a atuar no movimento ambientalista. Os movimentos populares dos trabalhadores da região da Grande Vitória, que reivindicavam melhorias na qualidade de vida, marcaram a passagem da década de 1970 para a década de 1980 (Doimo, 1984).

A Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente (Acapema) teve destaque na participação em prol do Penedo realizando denúncias e protestos contra a destruição do Penedo. A primeira atuação da Acapema foi contra um projeto de construção de uma usina nuclear no estado do Espírito Santo, possivelmente em Aracruz, ainda no final da década de 1970. As primeiras reações são consideradas o marco inicial do movimento ambientalista capixaba<sup>11</sup> (Lobino, 2008). Em seguida, aumentou seu campo de atuação, na medida em que o meio ambiente passou a fazer parte da agenda.

Há de se destacar que a Acapema alcançou espaço na imprensa capixaba em meio às várias denúncias sobre a poluição gerada pelas indústrias na Grande Vitória, trazendo à arena pública suas reivindicações, como de denúncias contra os casos de problemas de pele, tendo como origem atividades da Companhia de Ferro e Aço Vitória (Cofavi), em Cariacica e do “pó preto” ligadas às operações na Ponta de Tubarão logo no início de suas atividades (Lobino, 2008).

Em função das discussões da Conferência de Estocolmo, em 1972, ocorreu uma maior mobilização em prol do meio ambiente em várias partes do país. No Espírito Santo, além das pesquisas de Augusto Ruschi, aconteciam eventos promovidos por alunos de Biologia da Universidade Federal do Espírito Santo e pela Associação Espírito Santense de Biologia (AESB) que alertavam sobre os problemas locais (Carlos, 2012).

Dessa forma, tendo como pano de fundo esse momento de transição do regime autoritário para democrático, e, tendo como cenário um desenvolvimento predatório sem precedentes, uma parte da população impactada começou a se sentir incomodada e a se mobilizar em torno da questão ambiental, dando início ao movimento ambientalista capixaba. A emergência do movimento ambientalista capixaba, segundo Carlos (2012), se deu no contexto de transição democrática, o que aumentou as possibilidades para a mobilização coletiva e a expressão pública das reivindicações.

A partir disso, se iniciaram os primeiros protestos, como já falado anteriormente, liderados pela Acapema. Segundo Carlos (2012), a rede de relações da Acapema era formada pela mídia, movimentos sociais, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Igreja Católica, partidos políticos de esquerda, dentre outros. Quanto aos seus membros eram formados por membros da classe média e de alta formação acadêmica, configurando no geral, biólogos, ecologistas, naturalistas, médicos, agrônomos, engenheiros e advogados.

---

<sup>11</sup> A crise energética que enfrentava o país ameaçava o plano desenvolvimentista do governo militar, sendo a energia nuclear uma possível saída para esse impasse. O anúncio da construção de uma usina nuclear no Espírito Santo gerou protestos, com destaque para a Acapema, que realizou um papel importante nessa manifestação que contou com o apoio do físico nuclear Luiz Pinguelli Rosa, de outras entidades e de boa parte do movimento estudantil (secundarista e universitário). Foram realizadas várias mobilizações no centro de Vitória, reuniões na Assembleia Legislativa com denúncias sobre os riscos de uma possível usina nuclear e uma marcha até o município de Aracruz (Lobino, 2008).

Um dos grandes feitos da Acapema foi em 1980 quando solicitou que fosse realizado o tombamento do Penedo, como forma de impedir a continuação da sua degradação, o que foi reconhecido em 1983 pelo Conselho Estadual de Cultura<sup>12</sup>. Após o tombamento do Penedo, a destruição de partes do conjunto granítico ou dos manguezais de seu entorno foram evitadas por estarem legalmente protegidos (Achiamé, Bettarello, Sanchotene, 1991).

Apesar de estar situado geograficamente em Vila Velha o Penedo é considerado patrimônio paisagístico de Vitória. Na época do seu tombamento foi alvo de disputa entre os dois municípios<sup>13</sup>, até que finalmente foi tombado pelo Conselho Estadual de Cultural. Em pronunciamento, o então prefeito de Vitória, Ferdinand Berredo de Menezes (apud Pajau, 1983, p. 9), transmitiu a seguinte mensagem:

Como cidadão honorário de Vila Velha, não poderia ignorar que o Penedo se encontra geograficamente no solo vilavelhense. Mas a posição geográfica do Penedo não pode interferir na simplicidade poética, histórica, cultural e visual de todos os que acostumaram a admirar a velha montanha de pedra como patrimônio visual exclusivo da Ilha de Vitória, figurando inclusive na própria bandeira da capital.

Com isso, se diz que o Penedo é um dos importantes e icônicos “cartões postais” da cidade de Vitória. Faz parte inclusive do brasão da prefeitura municipal de Vitória. O morro do Penedo é o primeiro bem natural tombado do estado do Espírito Santo. O instrumento tombamento tem como finalidade preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados (Murguia, Yassuda, 2007). No que tange ao tombamento do patrimônio natural, o Brasil é pioneiro nesse assunto, ao editar o Decreto-Lei nº. 25 de 30 de novembro de 1937, que instituiu a proteção ao patrimônio nacional.

## **Adentrando No Processo De Tombamento**

O processo de tombamento de Penedo inicia com um ofício, datado de 03/12/1980 à Secretaria de Cultura e Bem-estar Social em nome da Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente (Acapema) pedindo providências para o tombamento do Penedo como patrimônio paisagístico da Grande Vitória:

---

<sup>12</sup> Aprovado por unanimidade tombamento em reunião plenária de 07/06/1983. Resolução CEC nº 007/83, publicada em 07/10/1983 e inscrita no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico, Paisagístico e Científico em 08/09/1983 às páginas 1v e 2, sob o nº 01.

<sup>13</sup> Assim que o Penedo foi tombado, o então prefeito de Vila Velha envia um telegrama fonado direcionado ao Conselho Estadual de Cultura com o seguinte teor: “É do conhecimento público que esta administração municipal vem demonstrando grande sensibilidade para os problemas culturais, ambientais e paisagísticos e, por isso mesmo, vimos registrar a nossa estranheza em face ao anunciado tombamento do ‘morro do penedo’ sem qualquer consulta a esta administração o que julgamos muito grave posto que, dificulta sobremaneira a integração administrativa por nós todos desejada e cria obstáculos adicionais aos estudos que estamos realizando com objetivo de preservar aquele monumento. Vasco Alves de Oliveira Junior – Prefeito Municipal de Vila Velha/ES”.

Junto com a população capixaba, a ACAPEMA vem presenciando a destruição do Penedo sob várias formas como: fornecedor de britas, propagandas comerciais, eleitorais e incêndios, destruindo assim a beleza desse monumento natural da Grande Vitória. Várias denúncias já foram feitas por essa entidade, bem como alguns contatos no sentido de alertar para a destruição desse monumento com o Prefeito de Vila Velha, o qual se comprometeu nessa luta (trecho do ofício enviado pela Acapema ao Conselho Estadual de Cultura).

A relatora do processo de tombamento do Penedo, Maria Beatriz Abaurre solicita fotos<sup>14</sup> e demais materiais para ilustrar e dar subsídio ao processo. Muitas imagens foram cedidas pelo fotógrafo Paulo Bonino que deixa um importante depoimento de como se deu de forma rápida a degradação do Penedo:

Desde a fundação da cidade há mais de quatrocentos anos, o Penedo sempre foi considerado uma das belezas naturais da Ilha, devido a sua conformação e localização privilegiadas frente a Vitória. Em 1956 quando eu voei pela primeira vez em missão de fotografar o desenvolvimento da cidade, lá estava ele imponente na sua estática e majestosa beleza, encravado numa luxuriante mata virgem, cercada de mangais em quase todas as direções. Era realmente lindo. Os meus vôos se sucederam meses após meses, anos após anos. Agora ele está bem diferente, a mata se tornou capoeira e os fabricantes de brita não se contentaram em derrubar todas as pedras ao seu redor, mas também retiraram a pouca terra fértil que sustentava sua pequena mata atlântica. Só restaram feridas vermelhas feitas pela erosão no seu lado sul, e parece que acabou também o amor e o respeito pela conservação da nossa memória: é uma pena. Réquiem para um Penedo que já foi belo (Paulo Bonino, 13/03/1983).

Além disso, a relatora remete ofícios aos arquitetos Carlos Alberto Vivacqua, José Daher Filho e Jayme Larica solicitando opinião sobre o Penedo, cujos depoimentos se encontram logo abaixo. A partir destes depoimentos é possível perceber como o Penedo é importante para o imaginário local, sendo profundo o sentimento para com este bem natural.

Somente os que não amam a natureza, não conseguem respeitá-la. A necessidade de preservação do sítio paisagístico, denominado Penedo é de vital importância para que não seja descaracterizada a paisagem da baía de Vitória. O Penedo está para Vitória como está o pão de açúcar para o Rio. Da mesma forma, sua exploração comercial (porto, extração de brita, propaganda, etc) está totalmente deturpada. Seu urgente tombamento proporcionará a recuperação de sua vegetação nativa e o retorno de sua fauna. O equilíbrio visual que o Penedo proporciona à baía é impressionante; o seu uso como marco para orientação dos barcos de pesca e lazer que singram as águas da costa próxima de Vitória é uma realidade, testemunho disto são os pescadores que diariamente o utilizam como ponto de referência para encontrar os sítios de pesca. Sua interessante forma tão bem esculpida pela natureza, emergindo das águas da baía, criam todo um clima visual que faz parte da imagem de Vitória, é uma imagem muito forte que existe dentro de nós, sua destruição será como se extirpassem pedaço de cada capixaba. Ciente de que este conselho terá êxito nesta empreitada de tombamento de tão importante monumento natural, hipoteco nesta data, nossa solidariedade a este nobre ato (Carlos Alberto Vivacqua Campos, 21/02/1983).

---

<sup>14</sup> A relatora do processo Maria Beatriz Abaurre envia ofício em 02/03/1983 ao Editor Chefe de “A Gazeta”, Nilo Peçanha, solicitando exemplares dos dias 22 de março de 1981 e 13 de junho de 1982 para servir como subsídio para instruir o processo de tombamento.

A seguir segue depoimento do arquiteto José Daher Filho<sup>15</sup>. Sua preocupação era concernente a nossa identidade e nossa memória coletiva, o que viria a se perder em parte com a destruição do Penedo.

É com grande satisfação que temos colaborado com o Conselho Estadual de Cultura no processo de preservação do patrimônio histórico e paisagístico da cidade de Vitória que infelizmente, apesar de sua beleza natural é hoje uma cidade descaracterizada e sem identidade. A preservação de sua escala, volumetria e características originais antes de ser um processo saudosista e anti-desenvolvimentista deve ser encarado como perpetuação da nossa memória coletiva que nos permitirá um desenvolvimento linear e evolutivo. Para tanto, temos, por meios legais (tombamentos e legislações específicos), mas principalmente por trabalho efetivo de recuperação, ainda que de forma fragmentada, dos elementos que delinearão o perfil desta cidade Presépio. Assim, prezada Conselheira, julgo de extrema relevância que o Conselho Estadual de Cultura inclua na relação do seu patrimônio histórico/ambiental já tombado o Penedo, monumento natural, que por sua beleza e volumetria caracteriza e identifica a baía de Vitória, sendo, portanto, elemento que contracena de forma marcante com o perfil urbano da cidade. Numa época de perda da identidade em todas as áreas do fazer humano, o tombamento do Penedo, além de assegurar a sua própria integridade, inibindo a continuidade da sua depredação, contribuirá com a recuperação da identidade da cidade de Vitória necessária à preservação da sua Memória Coletiva Urbana (José Daher Filho, 01/03/1983).

Por fim, segue último depoimento do arquiteto Jayme Pinheiro Larica que de forma interessante destaca a Pedra do Ovo que faz parte da paisagem do Penedo:

[...] Sendo-me conferida a distinção de opinar sobre a preservação de uma das mais belas formações geomorfológicas de nosso litoral, tenho a dizer: até em sacrifício de parte do nosso desenvolvimento portuário se justificaria a preservação daquele Monumento Natural. Estou de pleno acordo. O Penedo, tendo ao seu lado norte a interessantíssima ‘Pedra do Ovo’, que a meu ver possui um valor potencial para curiosidade turística e, ao seu leste o Forte Saldanha da Gama, guardam em si a força de um belo postal de entrada de nosso Porto, que nada mais é que uma marina criada pela natureza. A ‘Pedra do Ovo’, que é uma grande pedra ovóide equilibrada-quase ao nível do mar-sobre outra pedra, poderia ser utilizada como pedestal da belíssima “Estátua do Índio”, hoje escondida e esquecida na pracinha junto ao Clube Saldanha da Gama. Aquela estátua simboliza os bravios e indomáveis índios guerreiros que outrora habitavam estas paragens, hoje completamente esquecidos das nossas lembranças culturais e históricas. Seria de valioso bom gosto e justa homenagem aos Aimorés a fixação da ‘Estátua do Índio’ sobre a ‘Pedra do Ovo’. Por muito menos beleza, do mundo inteiro, vão para Copenhagem turistas para verem a pequena estátua da Seria de Copenhagem fixada na entrada do porto [...] (Jayme Pinheiro Larica, 19/04/1983).

Também é solicitada a opinião de Renato José Costa Pacheco<sup>16</sup>, que responde em ofício datado de 07/04/1983 as razões históricas de sua preservação como monumento

<sup>15</sup> Era chefe da Divisão de Patrimônio Histórico e Cultural (DPHC) que funcionava dentro do Departamento Estadual de Cultura (DEC), antiga Secretaria de Cultura.

<sup>16</sup> Secretário Geral do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e Professor Adjunto no Departamento de História da Ufes.

paisagístico e coloca as diversas tentativas de degradação: 1) uma ponte Forte-Penedo; 2) instalação de um Cristo em seu cume; 3) fios de alta-tensão; 4) propaganda comercial e política; e 5) corte na parte do Porto de Capuaba.

No processo de tombamento foram encontrados dois poemas de autoria de Antenor de Carvalho que denunciava os problemas com o Penedo, cujos títulos são “Soneto Penediada” e “Genealogia do Penedo”, escritos em 1983, conforme abaixo:

#### **Soneto Penediada**

Carcaça de mostrengo de granito  
Semi afundada na maré tranquila,  
Já sem braços, sem vida, sem pupila,  
Lembrando um estupendo megalito.

Seu epitáfio nunca foi escrito  
Pois mesmo morto o pedrarei desfila  
Entre restos da História que cochila  
Encostada no monte que foi mito.

O tempo faz-lhe aos poucos mil ranhuras,  
Tira lascas de pedra das fraturas,  
Crava pontas na espinha do rochedo.

Que impassível reside entre os humanos  
Morituros depois de uns poucos anos  
Enquanto é eterna a vida do Penedo.

#### **Genealogia do Penedo**

Apenas uma pedra que remonta  
Aos primórdios geológicos das eras  
Rememorando lendas e quimeras  
Por séculos e séculos sem conta.

Apenas uma pedra que desponta  
Assinalando a rota das galeras  
Sob o sol das perenes primaveras  
Que banham nosso céu de ponta a ponta.

É o Penedo que os índios escalaram  
E os soldados do reino conquistaram  
Levando-o para as páginas da História.

É o Penedo que em época futura  
Marcará nos anais da conjuntura  
O fastígio da Ilha de Vitória.

Também encontramos uma carta de Carlos Chenier, de 08/03/1983 que também fala do Penedo, cujo título é “Falando de Pedra”, mostra o quanto está indignado com a situação:

#### **Falando de Pedra.**

Na medida em que tocam o que amo com violência, estão indiretamente me atingindo e não sabem ou fazem não saber. Posso perdoar. Estão iludidos em nome do progresso. Fazem discursos. Exibem mapas – vagos registros da insensatez humana. Não sabem bem o que fazem. Cometem arbitrariedades contra o que está delimitando meu coração como um elemento básico da vida – a beleza da pedra. E sobre esta beleza tão milenar tripudiam e irão tripudiar indefinidamente.

O Convento da Penha já está vitimado. Um círculo de muros e asfalto cercou as matas. Todo o sistema ecológico foi quebrado. Até quando as árvores ali resistirão? Mais ao longe, do alto, vejo loteamentos e fazendas nas fraldas do Mestre Álvaro. Uma mágica montanha, reserva ecológica para outras gerações, abandonada. Fulcros visíveis de desmatamento, sorridentes na distância – puro escárnio.

Em nome do mesmo progresso ferem sem ressentimentos com dinamite a pedra soberba do Penedo. A cada explosão, em cada caminhão de brita, uma bofetada no meu rosto. Uma bofetada irresponsável desferida contra todos. Não apenas mais uma bofetada, mas um hediondo crime pouco divulgado mas pressentido por todos assim como eu.

Vejo na pedra o corte cruel, absurdo. Na medida em que ferem esta escultura modelada pelos milhões de anos sobre o mar, minha sensibilidade cabocla, está permanentemente dizendo: estão matando o que amo. Não estão deixando vestígios.

Seria hora de invocar um Deus pagão, selvagem, heróico, guerreiro, que cortasse do mesmo modo as veias dos que nos gabinetes determinam o movimento das máquinas – feras. Um corte no orgulho e na frieza, pois estão tocando no que amo, com violência absurda, em nome de um progresso de que desconfio.

Estão tocando no que amo, no que me pertence desde eu índio. Acho que a farsa deve ser cerceada por uma pessoa, por um grupo, por um amontoado de gentes que como poetas, visionários, descobrissem através de leis seguras, a preservação do direito de eu/de nós/ de todos amarmos nossas pedras, partes desta ilha poesia-geográfica, tentativa de ilha, mas continente e paraíso.

Eu te amo – pedra.

Após o encerramento de tombamento do Penedo que durou entre a entrada da solicitação feita pela Acapema e o final, quase três anos, de 1980 até 1983, foi realizada uma cerimônia<sup>17</sup> que fez parte dos festejos do Dia da Cidade, onde ocorreu solenidade pública de assinatura da resolução de tombamento do Penedo, bem como eventos alusivos à tão importante marco paisagístico de nossa capital, como uma regata. A Acapema foi convidada de honra desta festividade, e, assim, o Penedo passou a ser protegido contra futuras degradações<sup>18</sup>.

## Considerações Finais

Analisando o tombamento do Penedo, confirmamos a tese de Tarrow (2009) com as possibilidades de mudanças dadas pelas estruturas de oportunidades políticas que se deu no contexto brasileiro no momento do processo de transição democrática. No Brasil em um momento de transição de sistema político de ditadura militar para uma democracia civil, se observou um crescimento de movimentos de confronto.

Esses projetos, como mostrados anteriormente faziam parte de um projeto nacional direcionado pelo governo militar, tendo como aliados as elites políticas e econômicas do Espírito Santo, desde o início dos anos de 1950 (Zorzal, Silva, 2010). A cidade de Vitória acompanhou o processo de desenvolvimento que resultou em grande impacto ambiental na região devido ao intenso processo de industrialização e urbanização na capital.

Em uma época em que não havia canais diretos de participação institucionalizados, a imprensa possibilitava a divulgação de algumas informações, e, funcionava como denunciadora dos problemas. Funcionava ela mesma como canal de expressão do movimento ambientalista. Os principais jornais sinalizavam esse debate à época, como apresentado na pesquisa documental.

Um dos símbolos capixabas, o Penedo foi alvo do desenvolvimento ao ter parte de seu morro recortado para dar espaço para as novas instalações portuárias do Cais de Capuaba, Vila Velha, na região da Baía de Vitória, o que gerou protestos. Como afirma

---

<sup>17</sup> A solenidade de Tombamento do Penedo como Monumento Paisagístico do Estado, teve lugar na Avenida Beira-Mar, em tablado armado em frente ao Clube de Regatas Saldanha da Gama, às 10:00, do dia 08/09/1983. A solenidade contará com o descerramento de placa comemorativa, entrega de troféu ao Clube vencedor das Regatas do Dia da Cidade de Vitória e exposição de trabalhos artísticos referentes a este marco natural tão importante da Baía de Vitória.

<sup>18</sup> Em 1983, o processo de tombamento do Penedo se encerra tendo à frente da presidência do Conselho Estadual de Cultura, Wilson Haese.

Tarrow (2009) existe na defesa do Penedo um propósito comum, ou seja, de interesses e valores compartilhados que são base de suas ações comuns de um grupo, no caso ambientalista. Ou seja, existe por parte dos participantes o reconhecimento de seus interesses comuns: a preservação do meio ambiente, a conservação de um patrimônio cultural.

O Penedo se tornou um objeto de disputa. O meio ambiente, de um modo geral, como podemos notar é um campo de constantes disputas, pois diz respeito a diferentes atores sociais, que por sua vez, possuem diferentes percepções em relação ao meio ambiente. Nesse caso mesmo, não pode ser evitado que uma parte do conjunto paisagístico do Penedo fosse degradado para dar lugar às instalações do cais de Capuaba, mesmo sob protestos. Todavia, isso fez com que se acelerasse o processo de tombamento do Penedo, graças às pressões do movimento ambientalista, mais especificamente da Acapema que solicitou o tombamento do Penedo.

A legislação ambiental era incipiente, nem mesmo existia um órgão ambiental, o que vem se concretizar, a partir de 1988, com a promulgação da Lei Estadual nº 4.126, pela Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente (Seama), que assumiu a gestão ambiental no estado e deu continuação à política estadual de proteção, conservação e melhoria do meio ambiente, implementando o Sistema Estadual de Meio Ambiente, o que pode ser colocado como mais uma conquista desse movimento pelo meio ambiente.

Os ganhos desse movimento foram para além do tombamento do Penedo em si. Logo em seguida, ainda na década de 1980, se consolidou uma legislação ambiental e a criação de um órgão estadual de meio ambiente até então inexistentes.

## Referências

- AB'SABER, A. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7993715/mod\\_resource/content/1/AB%20SABER-Os%20dom%C3%ADnios%20de%20natureza.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7993715/mod_resource/content/1/AB%20SABER-Os%20dom%C3%ADnios%20de%20natureza.pdf). Acesso em 15 ago. 2022.
- A GAZETA. Reconstituição da área do Penedo está parada. *A Gazeta*, Vitória, 05 jun. 1981.
- A GAZETA. Um erro geográfico: o Penedo é de Vila Velha. *A Gazeta*, Vitória, p. 1, 31 ago. 1983.
- ACHIAMÉ, F. A. de M.; BETTARELLO, F. A. de B.; SANCHOTENE, F. L. (Orgs). *Catálogo de bens culturais tombados no Espírito Santo*. São Paulo-Vitória: Massao Ohno Editor/Secretaria de Estado de Educação e Cultura/Conselho Estadual de Cultura/Universidade Federal do Espírito Santo, 1991.
- ALMEIDA, N. A. de. E eles eram assim... *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*. n. 18, jun. 1916. Vitória: Imprensa Oficial, 1958.
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CARLOS, E. *Movimentos sociais e instituições participativas: efeitos organizacionais, relacionais e discursivos*, Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-13122012-093218/pt-br.php>. Acesso em 15 ago. 2022.

- DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DERENZI, L. S. *Biografia de uma ilha*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.
- GOLTARA, G. Penedo: mais um alvo do progresso, *A Gazeta*, 29 mar. 1981.
- GORDON, E. T. *Disparate diasporas: identity and politics in an african nicaraguan community*. University of Texas Press, Austin: Institute of Latin American Studies, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41849999>. Acesso em 15 ago. 2022.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARTT, C. F. *Geologia e Geografia Física do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- HOLZMEISTER, S. Novos planos para o Penedo, *A Gazeta*, Vitória, p. 8, 19 jul. 1998.
- INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). *Patrimônio Ambiental e Urbano e Natural da Grande Vitória*: Fundação Jones dos Santos Neves, 1978. Disponível em: [http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120801\\_ij00130\\_patrimonioambientalurbanoenaturalgv\\_mapa\\_foto.pdf](http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120801_ij00130_patrimonioambientalurbanoenaturalgv_mapa_foto.pdf). Acesso em 15 ago. 2022.
- KERN, D. Tirando pó das *Brazilian Antiquities*: Charles Frederick Hartt relido por Anna Roosevelt. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, n. 16, jul/dez. Campinas: UNICAMP, p.39-55. 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/1930599/2011\\_Tirando\\_o\\_p%C3%B3\\_das\\_Brazilian\\_Antiquities\\_Charles\\_Frederick\\_Hartt\\_relido\\_por\\_Anna\\_Roosevelt](https://www.academia.edu/1930599/2011_Tirando_o_p%C3%B3_das_Brazilian_Antiquities_Charles_Frederick_Hartt_relido_por_Anna_Roosevelt). Acesso em 15 ago. 2022.
- LE GOFF, J. Memória. In: *Enciclopédia EINAUDI, Memória-História*, v. 1, Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.
- LUGON, M. Penedo vai, Penedo vem. In: *Escritos de Vitória*. Vitória: Prefeitura Municipal, Secretaria de Cultura e Turismo, 1995. Disponível em: <https://www.morrodomoreno.com.br/materias/penedo-vai-penedo-vem-.html>. Acesso em 15 ago. 2022.
- MONJARDIM, A. As pegadas de Hartt. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*. n. 14, dez. 1941. Vitória: Imprensa Oficial, 1941.
- MONJARDIM, A. *Vitória física: geografia, história e geologia*. Prefeitura de Vitória, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1995.
- MURGUIA, E. I.; YASSUDA, S.N. Patrimônio Histórico Cultural: critérios para tombamento de bibliotecas pelo IPHAN. *Perspectivas em ciências da informação*, v. 12, n. 3, p. 65-82, set.-dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/KFbW3SCK4FRZjrsHDGbr4dn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 15 ago. 2022.
- ORLANDI, L; AGUIAR, M. Histórias da Baía de Vitória. *A Tribuna*, Vitória, p. 14, 04 jul. 2009.
- PAJAÚ, L. Tombamento do Penedo será amanhã. *A Tribuna*, Vitória, p. 9, 7 set. 1983.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em 15 ago. 2022.
- PIMENTEL, E. *Revista Vida Capichaba*. Vitória, 30 jun. 1927.
- ROCHA, L. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura, 2008. Coleção Canaã, v. 7. Disponível em: [https://bibliotecas.sedu.es.gov.br/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=1&shelfbrowse\\_itemnumber=104#gsc.tab=0](https://bibliotecas.sedu.es.gov.br/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=1&shelfbrowse_itemnumber=104#gsc.tab=0). Acesso em 15 ago. 2022.

- SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. Belo Horizonte: Itatiaia, USP, 1974.
- SCHAMA, S. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – SECULT. *Patrimônio natural: Bens naturais tombados*. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura – SECULT, 2014.
- TARROW, S. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TUAN, Y. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo. Difel. 1980.
- VIEIRA FAZENDA. Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 20 jul. 1913, vol. 01. Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/artigos-de-periodicos/item/73136-antiquilhas-e-mem%C3%B3rias-do-rio-de-janeiro.html>. Acesso em 15 ago. 2022.
- VITÓRIA. Lei nº 2.665, de 23 de janeiro de 1980. *Lei nº 2.665*. Disponível em: <www.vitoria.es.gov.br>. Acesso em: 14 ago. 2022.
- ZORZAL E SILVA, M. Trajetória político-institucional recente do Espírito Santo. In: *Espírito Santo: instituições, desenvolvimento e inclusão social*. Vitória: IJSN, 2010.

*Recebido em: 10-08-2022*  
*Modificado em: 15-02-2023*  
*Aceito em: 20-05-2023*

### *Larissa Pinheiro*

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestre em Ciências Sociais pela UFES, Mestranda em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), licenciada e bacharel em Ciências Sociais pela UFES.

### *Yamília Siqueira*

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestre em Educação pela UFES, licenciada e bacharel em Ciências Sociais pela UFES.